

## LETRAMENTOS DIGITAIS E COMPETÊNCIA LEITORA: DESAFIOS E POTENCIALIDADES NO AMBIENTE ESCOLAR

 <https://doi.org/10.56238/arev7n5-196>

**Data de submissão:** 13/04/2025

**Data de publicação:** 13/05/2025

**Aline Ariane Feitosa da Silva**

Doutoranda em Ciências da Educação, Universidad Del Sol (UNADES).  
E-mail: [aline.ane333@gmail.com](mailto:aline.ane333@gmail.com)

**Fablicia Érica Laborda Tavares**

Doutoranda em Ciência da Educação. Universidad Del Sol (UNADES).  
E-mail: [fabliciatavares01@gmail.com](mailto:fabliciatavares01@gmail.com)

**Francenilce Lopes da Silva**

Mestranda em Ciências da Educação, Universidad de la Integración de Las Américas (UNIDA),  
Asunción, Paraguay.  
E-mail: [francenilce.silva@prof.am.gov.br](mailto:francenilce.silva@prof.am.gov.br)

**Maria Domingas Delgado Lopes**

Mestranda em Ciências da Educação, Universidad de La Integración de Las Américas (UNIDA), Asunción, Paraguay.  
E-mail: [mddlopes@gmail.com](mailto:mddlopes@gmail.com)

**Priscila Mariano da Silva**

Doutoranda em Ciências da Educação, Universidad de La Integración de Las Américas (UNIDA).  
E-mail: [priscila.mariano1215@gmail.com](mailto:priscila.mariano1215@gmail.com)

**Hérica Cristina da Silva Pinto**

Doutora em Ciências da Educação, Universidad de La Integración de Las Américas (UNIDA).  
E-mail: [hericina.sp@gmail.com](mailto:hericina.sp@gmail.com)

**Átila de Souza**

Doutorando em Ciências da Educação, Universidad de La Integración de Las Américas (UNIDA), Asunción, Paraguay.  
E-mail: [atilabio@hotmail.com](mailto:atilabio@hotmail.com)

### RESUMO

O presente artigo aborda a competência leitora no contexto da era digital, considerando as transformações nos hábitos de leitura e as implicações para o processo de ensino-aprendizagem. Observa-se que os leitores contemporâneos, imersos em um ambiente digital dinâmico, apresentam novas demandas cognitivas e comportamentais, impactando diretamente no desempenho escolar. A pesquisa, de cunho qualitativo e caráter teórico-interpretativo, fundamenta-se em revisão bibliográfica com o intuito de compreender o perfil do leitor digital, identificar dificuldades enfrentadas no ambiente escolar e analisar os desafios e possibilidades para o desenvolvimento da competência leitora na atualidade.

**Palavras-chave:** Competência leitora. Era digital. Hábitos de leitura. Ensino-aprendizagem. Leitor digital.

## 1 INTRODUÇÃO

Com o avanço das tecnologias e o fácil acesso à informação, a leitura deixou de estar restrita ao suporte impresso, migrando para múltiplos formatos digitais. Esse novo cenário exige do leitor habilidades específicas para interpretar, selecionar e avaliar informações em um ambiente repleto de estímulos. No contexto escolar, essa transição tem gerado inquietações quanto ao desenvolvimento da competência leitora dos alunos, suscitando questionamentos sobre como a escola pode acompanhar essas mudanças e preparar leitores mais críticos e autônomos.

Diante disso, este estudo tem como objetivo geral investigar como a competência leitora tem se configurado na era digital e quais os desafios enfrentados no ambiente escolar. Para alcançar esse propósito, propõem-se como objetivos específicos: analisar o perfil do leitor na era digital; identificar as dificuldades relacionadas à leitura enfrentadas por estudantes no contexto escolar; e refletir sobre os desafios e possibilidades para o desenvolvimento da competência leitora no ambiente educacional atual.

A relevância deste trabalho está na compreensão de que a leitura é um dos pilares fundamentais da educação, sendo essencial para a construção do pensamento crítico e para a aprendizagem em todas as áreas do conhecimento. No entanto, o cenário digital atual tem transformado significativamente as práticas leitoras, exigindo novas competências que ainda não são plenamente desenvolvidas no ambiente escolar. Assim, refletir sobre o perfil do leitor contemporâneo e os desafios impostos à escola é fundamental para o aprimoramento das práticas pedagógicas e para a formação de leitores capazes de navegar com criticidade no universo digital.

## 2 METODOLOGIA

Este trabalho configura-se como uma pesquisa qualitativa com enfoque teórico-interpretativo. A escolha por essa abordagem justifica-se pela intenção de compreender os fenômenos educacionais de maneira mais profunda, valorizando os significados atribuídos pelos sujeitos envolvidos e o contexto em que estão inseridos. Trata-se, portanto, de uma investigação que busca interpretar a realidade a partir da perspectiva daqueles que dela participam, respeitando a complexidade e a pluralidade dos sentidos que emergem das experiências vividas.

Inspirando-se na concepção de pesquisa qualitativa como aquela que examina acontecimentos em seus ambientes cotidianos, tentando compreendê-los a partir das interpretações dos próprios envolvidos, opta-se aqui por um caminho metodológico que privilegia a compreensão e não apenas a mensuração dos dados (DENZIN & LINCOLN, 2006).

Para alcançar os objetivos propostos, será utilizada a pesquisa bibliográfica como procedimento metodológico. Essa escolha permite o levantamento e a análise de materiais já publicados — como livros, artigos científicos, dissertações e teses — que dialoguem com os eixos temáticos da leitura, competência leitora, tecnologias digitais e práticas educativas. O uso desse método possibilita estabelecer uma base teórica sólida, capaz de sustentar criticamente as discussões desenvolvidas ao longo do trabalho.

Conforme sistematizado por Marconi e Lakatos (2019), esse tipo de pesquisa envolve uma sequência de etapas interligadas: definição do tema de estudo, elaboração de um plano de investigação, identificação e localização das fontes, organização dos materiais por meio de fichamentos, seguida da análise e interpretação dos conteúdos, e, por fim, a redação do texto acadêmico. Esse percurso será rigorosamente seguido, de modo a assegurar consistência, clareza e coerência à construção teórica.

A análise será conduzida com base em uma leitura crítica dos textos selecionados, buscando extrair deles elementos que contribuam para compreender como as práticas de leitura e escrita se transformam diante da presença das tecnologias digitais. Espera-se, assim, evidenciar as implicações pedagógicas desses processos, bem como os desafios e possibilidades que emergem no campo educacional diante da cultura digital.

### **3 REFERENCIAL TEÓRICO**

#### **3.1 O PERFIL DO LEITOR NA ERA DIGITAL**

A revolução digital provocou transformações significativas nas práticas de leitura. O leitor da era digital se depara com um fluxo constante de informações, provenientes de múltiplas fontes e formatos, exigindo habilidades específicas para selecionar, interpretar e validar conteúdos. A leitura deixa de ser linear e sequencial, tornando-se fragmentada, interativa e, muitas vezes, superficial.

Marcuschi (2001) argumenta que tanto os avanços tecnológicos quanto os processos de letramento estão atravessados por disputas ideológicas, influenciadas por contextos econômicos, históricos e políticos. Segundo o autor, a inserção dos computadores no ambiente educacional, bem como a seleção de softwares utilizados, implica a valorização de determinados tipos de letramento em detrimento de outros. Ele ressalta que o risco não está na tecnologia em si, mas na forma como ela é utilizada, alertando que o foco do ensino não deve recair sobre o uso do instrumento tecnológico. Para ele, esses recursos devem ser concebidos de modo a promover a construção colaborativa do conhecimento. Além disso, destaca que, com o avanço das redes digitais, tende a desaparecer a figura do autor isolado, abrindo espaço para uma produção textual mais coletiva e socialmente construída.

Com base nas reflexões de Marcuschi (2001), torna-se evidente que o uso da tecnologia no contexto educacional vai muito além de sua presença física em sala de aula. Trata-se de uma questão ideológica, em que as escolhas feitas sobre quais ferramentas utilizar e como utilizá-las moldam os processos de letramento e, consequentemente, o perfil dos leitores em formação. O autor nos convida a olhar criticamente para essas escolhas, entendendo que elas não são neutras e que podem ampliar ou restringir o acesso ao conhecimento.

Nesse sentido, o perfil do leitor contemporâneo passa a ser moldado por uma lógica de interatividade, colaboração e circulação de múltiplas vozes. O leitor já não é mais um sujeito passivo, que apenas consome textos prontos e acabados; ele se torna também produtor, curador e participante ativo na construção do saber. Logo, essa emergência e consolidação das tecnologias digitais têm provocado mudanças substanciais no comportamento leitor, configurando um novo perfil de leitor que interage com os textos de maneira distinta da experiência tradicional. O ambiente digital, marcado pela instantaneidade, pela multiplicidade de linguagens e pela interatividade, impõe desafios e, ao mesmo tempo, demanda novas competências no processo de leitura e interpretação textual.

Conforme Santaella (2013) compreender as características do leitor atual é essencial para o desenvolvimento de propostas que integrem o uso das redes digitais aos processos educativos, em qualquer etapa de ensino. Para a autora, há um novo leitor em cena, com comportamentos de leitura distintos, influenciados pelo ambiente digital. Nesse cenário, a expansão das tecnologias digitais tem provocado transformações relevantes, especialmente no ensino mediado por plataformas online e no consumo de mídias. No entanto, ela pondera que essas mudanças não devem ser vistas como uma ruptura completa com as práticas leitoras tradicionais, mas como um convite à elaboração de estratégias específicas que considerem tanto as novas possibilidades quanto os desafios da leitura e da escrita em contextos digitais.

Da mesma forma, ao refletir sobre o espaço da escrita na cultura digital, Soares (2002) observa que, diferentemente do que ocorre com o livro impresso, a leitura e a escrita na tela oferecem ao usuário apenas uma parte do conteúdo por vez, limitado ao que é visualizado naquele momento. Mesmo que seja possível abrir múltiplas janelas simultaneamente, essa visualização permanece restrita e fragmentada.

Esse apontamento é extremamente relevante para a compreensão do perfil do leitor contemporâneo, que precisa lidar com uma leitura não linear e frequentemente interrompida pela fragmentação do conteúdo digital. Esse tipo de leitura exige habilidades específicas de navegação, concentração seletiva e reconstrução de sentidos a partir de pedaços de informação. O leitor digital não apenas percorre textos, mas interage com eles, buscando conexões e sentidos em um ambiente marcado

pela multiplicidade de formatos e caminhos. Nesse contexto, torna-se essencial que as práticas pedagógicas considerem essas novas exigências cognitivas e promovam estratégias que preparem os estudantes para compreender, interpretar e produzir textos em uma lógica de leitura hipertextual e multimodal.

Rojo e Moura (2019, p. 26) corroboram

As novas tecnologias, aplicativos, ferramentas e dispositivos viabilizaram e intensificaram novas possibilidades de textos/discursos - hipertexto, multimídia e, depois, hipermídia — que, por seu turno, ampliaram a multissemiose ou multimodalidade dos próprios textos/discursos, passando a requisitar novos (multi)letramentos.

Assim, o advento das tecnologias digitais ampliou significativamente as formas de produção e circulação de textos, introduzindo formatos como o hipertexto, a multimídia e a hipermídia. Essas novas estruturas textuais promovem uma leitura marcada pela multissemiose, ou seja, pela articulação de diferentes linguagens — verbal, visual, sonora e interativa — que exigem do leitor novas competências, conhecidas como multiletramentos. Tal transformação tem impacto direto no modo como a leitura é realizada na atualidade. Em vez de seguir uma sequência linear, como nos textos impressos tradicionais, a leitura digital tende a ser fragmentada e não sequencial, muitas vezes guiada por links, imagens ou elementos interativos que conduzem o leitor por múltiplos caminhos. O hipertexto, nesse cenário, redefine a experiência leitora ao permitir uma navegação dinâmica, onde o leitor escolhe que trajetos seguir, construindo seu próprio percurso interpretativo, ao mesmo tempo que todos esses elementos competem por sua atenção “Por hipertexto, entendo uma forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e acondiciona à sua superfície formas outras de textualidade.” (XAVIER, 2010, p. 208).

A afirmação de Xavier (2010) evidencia o caráter multifacetado do hipertexto, compreendido como uma linguagem híbrida, dinâmica e flexível, que se constrói por meio da articulação com outras formas de expressão semiótica. Esse tipo de texto não se limita ao verbal, mas incorpora elementos visuais, sonoros e interativos, possibilitando uma experiência de leitura expandida e não linear. Ao dialogar com diferentes linguagens e mídias, o hipertexto rompe com os modelos tradicionais de textualidade, condicionando o leitor a assumir um papel mais ativo na construção do sentido. Nesse sentido, a hipertextualidade constitui um elemento central na configuração do perfil do leitor contemporâneo, permitindo que o leitor construa trajetórias de leitura personalizadas, transitando entre diferentes conteúdos e fontes de informação. Tal dinâmica demanda um grau elevado de autonomia e discernimento, uma vez que o sentido do texto não está mais dado de forma linear, mas deve ser construído a partir das múltiplas possibilidades de acesso à informação.

Essa perspectiva reforça a ideia de que o leitor da era digital não apenas lê, mas também navega, interpreta e interage com os textos. A leitura deixa de ser um processo sequencial e passa a ser fragmentada, multifocal e hiperconectada. Nesse cenário, a formação do leitor exige não só domínio das habilidades tradicionais de leitura, mas também o desenvolvimento de competências voltadas à leitura em ambientes multimodais, nos quais os sentidos são construídos a partir da articulação entre diferentes linguagens. Assim, a escola precisa repensar suas práticas pedagógicas para contemplar essas novas exigências, promovendo o letramento digital e preparando os estudantes para atuarem com criticidade em um universo comunicativo cada vez mais complexo e interativo.

Diante desse contexto, ganha relevância o conceito de letramento digital, entendido como o conjunto de habilidades necessárias para acessar, compreender, avaliar e produzir conteúdos no ambiente digital. Mais do que a simples alfabetização tecnológica, o letramento digital envolve uma dimensão crítica, fundamental para a formação de leitores capazes de interagir de forma reflexiva com a grande quantidade de informações disponíveis na rede, bem como para reconhecer e enfrentar os desafios relacionados à desinformação e à circulação de conteúdos falsos.

Soares (2002) discute o conceito de letramento digital, que envolve a capacidade de se apropriar das tecnologias digitais e de utilizar as ferramentas dessas novas mídias para realizar práticas de leitura e escrita na tela. Este processo difere do letramento tradicional, em que as práticas de leitura e escrita ocorrem no papel.

Desse modo, é possível observar que, à medida que a tecnologia avança, novas formas de interação com a informação emergem. Esse tipo de letramento exige dos indivíduos não apenas o domínio das novas ferramentas, mas também a habilidade de interpretar e produzir conteúdos em ambientes digitais. A transição do papel para as telas, por exemplo, traz desafios específicos, como o gerenciamento da quantidade de informações, a crítica da veracidade do que se lê, e a produção de textos em formatos que exigem outras competências, como o uso de multimídia e links. Em um contexto educacional, essa mudança demanda um repensar sobre o que significa ser alfabetizado na era digital, destacando a importância de integrar essas práticas nos currículos escolares.

Paralelamente, o leitor na era digital encontra-se imerso em um ecossistema comunicacional caracterizado pela convergência de mídias. A leitura deixa de ser uma atividade centrada unicamente no texto escrito e passa a incorporar elementos audiovisuais, gráficos e interativos. Essa convergência exige habilidades de leitura multimodal, que envolvem a articulação entre diferentes códigos semióticos e a capacidade de atribuir sentido a discursos híbridos.

Assim, o perfil do leitor na era digital é caracterizado por sua flexibilidade, autonomia e necessidade de constante atualização de competências. Compreender essas transformações é essencial

para o desenvolvimento de práticas pedagógicas e políticas públicas que promovam uma educação voltada para a formação de leitores críticos, proficientes e preparados para os desafios da sociedade da informação.

No entanto, esse novo perfil de leitor nem sempre domina plenamente as competências necessárias para uma leitura crítica e profunda. A habilidade de decodificar textos convive com dificuldades de interpretação e análise, revelando uma lacuna entre o acesso à informação e sua real compreensão. Diante disso, torna-se fundamental que a escola reconheça esse novo perfil de leitor — mais ativo, seletivo e imerso em múltiplas linguagens — e repense suas práticas de leitura. Não se trata apenas de inserir tecnologias em sala de aula, mas de promover experiências que desenvolvam competências leitoras condizentes com os desafios da era digital, preparando os estudantes para lidar criticamente com a diversidade e a complexidade dos textos contemporâneos

### 3.2 DIFICULDADES NA ESCOLA: A LEITURA COMO DESAFIO

A escola enfrenta um desafio importante: formar leitores críticos em um contexto em que a leitura compete com múltiplas formas de entretenimento digital. Apesar da maior exposição aos textos, os alunos apresentam dificuldades em compreender, interpretar e aplicar os conhecimentos adquiridos na leitura, sobretudo quando se trata de textos mais complexos.

Conforme Kleiman (2014), compreender um texto envolve a mobilização de habilidades e estratégias cognitivas que possibilitam ao leitor construir e interpretar significados ao longo da leitura. Dessa forma, é papel do professor auxiliar o aluno a desenvolver autonomia leitora, tornando-se alguém que lê com objetivos definidos e utiliza múltiplas estratégias para entender o que lê.

Logo, é extremamente relevante, principalmente quando pensamos no papel do professor como mediador do processo de leitura. A compreensão leitora vai muito além da decodificação de palavras — ela exige um trabalho ativo e estratégico por parte do leitor, que precisa interpretar, inferir e relacionar informações para dar sentido ao texto. Haja vista que a leitura é uma das habilidades fundamentais para o sucesso acadêmico e social dos estudantes. No entanto, desenvolver a competência leitora tem se mostrado um desafio persistente dentro do ambiente escolar. Diversos fatores contribuem para esse cenário, e compreendê-los é essencial para a formulação de estratégias mais eficazes. Entre os principais entraves, destacam-se a falta de motivação para ler, o déficit de compreensão textual e a ausência de práticas pedagógicas que dialoguem com o universo digital dos alunos.

A falta de motivação para a leitura está frequentemente relacionada a um distanciamento entre o conteúdo trabalhado em sala de aula e os interesses reais dos estudantes. Textos impostos, descontextualizados e desvinculados do cotidiano tornam-se enfadonhos, o que dificulta o engajamento do aluno. Além disso, muitos estudantes não encontram na escola um ambiente que valorize a leitura como uma prática prazerosa e significativa, mas apenas como um exercício obrigatório voltado à avaliação.

Ceccantini (2016) aponta que ainda existe uma distância considerável entre as práticas escolares de leitura no Brasil e a necessidade de atualização das estratégias utilizadas para formar leitores. Mesmo sem acesso claro às preferências específicas dos jovens, observa-se que, entre as obras e autores mais mencionados pelos leitores na pesquisa, alguns estão ligados ao universo da literatura juvenil. O autor revela um ponto crucial na formação de leitores no contexto escolar: a defasagem entre o que a escola propõe e o que os estudantes, de fato, se interessam em ler. Essa "distância" não é apenas metodológica, mas também cultural e afetiva. Quando a escola insiste em práticas de leitura engessadas, descontextualizadas e alheias ao universo dos alunos, ela corre o risco de transformar a leitura em uma obrigação vazia, em vez de promover o prazer e o engajamento com os textos. Assim, mesmo diante de uma diversidade de gostos e escolhas dos jovens, é possível identificar, nas preferências dos leitores, um vínculo com a literatura juvenil — o que indica uma porta de entrada potente para o incentivo à leitura. Ou seja, a literatura que dialoga com os conflitos, linguagens e experiências do adolescente pode (e deve) ser valorizada nas práticas escolares, como estratégia de aproximação entre o aluno e o texto literário.

Chartier (1999) já chamava atenção para essas práticas engessadas, ao estabelecer um paralelo entre o livro impresso e o ambiente digital, destacando que, ao contrário do suporte físico, que possui um fim determinado, a internet se caracteriza pela ausência de limites e fronteiras. O autor observa que, nesse novo espaço, o leitor tem a oportunidade de reorganizar e conectar diferentes textos de maneira dinâmica. Para ele, essas transformações evidenciam que a chegada do livro digital representa uma mudança significativa tanto na forma material do texto quanto nos modos de leitura.

Ao comparar o livro impresso, que possui uma linearidade e um início, meio e fim definidos, com a fluidez da internet, o autor evidencia uma transformação não apenas no suporte do texto, mas na própria experiência leitora. No ambiente digital, o leitor assume um papel mais ativo, podendo transitar entre múltiplos conteúdos, interligar informações e construir percursos de leitura personalizados. Essa nova configuração rompe com a leitura tradicional e demanda o desenvolvimento de habilidades mais complexas, como a navegação crítica, a seleção de fontes confiáveis e a capacidade de estabelecer conexões entre textos diversos. Assim, a observação de Chartier reforça a necessidade

de a escola repensar suas práticas pedagógicas de leitura, a fim de preparar os estudantes para lidar com os desafios e as possibilidades da leitura no universo digital.

Outro obstáculo recorrente é o déficit na compreensão textual. Muitos alunos conseguem decodificar as palavras, mas têm dificuldades em interpretar, inferir significados ou estabelecer relações entre diferentes partes do texto. Esse tipo de lacuna compromete não apenas o desempenho em disciplinas de linguagem, mas também em outras áreas do conhecimento, onde a leitura é uma ferramenta essencial para o entendimento de conteúdos.

Soares (2002) ressalta que o desenvolvimento da competência leitora e da competência em informação está diretamente ligado ao processo de letramento e às práticas de alfabetização, especialmente no contexto da era digital. Esse vínculo evidencia que, diante de um cenário marcado por déficits na competência leitora, é fundamental repensar as metodologias de ensino para incorporar práticas mais alinhadas às demandas contemporâneas, de modo a promover um letramento efetivo que prepare os alunos para interagir criticamente com diferentes tipos de texto e informação.

Então, a ausência de estratégias pedagógicas adaptadas à realidade contemporânea também contribui para as dificuldades enfrentadas. A escola, muitas vezes, não acompanha o ritmo das transformações sociais e tecnológicas que moldam as formas de leitura e escrita. Em um contexto marcado pela presença constante das tecnologias digitais, é fundamental repensar as práticas de ensino, incorporando recursos multimodais, plataformas interativas e gêneros textuais que circulam no meio digital, como blogs, podcasts, vídeos legendados e redes sociais, para tornar a leitura mais atrativa e contextualizada.

Marcushi (2010, p.15) enfatiza

Os gêneros emergentes nessa nova tecnologia são relativamente variados, mas a maioria deles tem similares em outros ambientes, tanto na oralidade como na escrita. Contudo, sequer se consolidaram, esses gêneros eletrônicos já provocam polêmicas quanto à natureza e proporção de seu impacto na linguagem e na vida social.

A reflexão de Marcuschi (2010) é bastante pertinente ao se pensar o impacto das novas tecnologias no campo da linguagem e, por extensão, na educação. Ao afirmar que os gêneros digitais ainda estão em processo de consolidação e, mesmo assim, já geram debates sobre suas implicações, o autor evidencia o dinamismo da linguagem e a necessidade de compreendê-la como algo vivo, que se transforma com o tempo e com os contextos socioculturais.

Na prática pedagógica, isso significa que não se pode ignorar os gêneros textuais emergentes do ambiente digital — como e-mails, mensagens instantâneas, blogs, comentários em redes sociais, entre outros —, pois eles fazem parte do cotidiano dos alunos e influenciam sua forma de ler, escrever

e se comunicar. Esses gêneros carregam especificidades linguísticas e discursivas que precisam ser reconhecidas e trabalhadas na escola, não como ameaça à norma culta, mas como oportunidade de ampliar as competências comunicativas dos estudantes.

Dessa forma, enfrentar os desafios relacionados à leitura na escola exige uma abordagem multidimensional, que considere aspectos motivacionais, cognitivos e metodológicos. É necessário investir na formação continuada dos docentes, na diversificação dos materiais didáticos e na construção de uma cultura leitora que ultrapasse os limites da sala de aula, alcançando a vida cotidiana dos estudantes.

### 3.3 DESAFIOS E POSSIBILIDADES PARA O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA LEITORA

A transformação digital não deve ser vista como uma ameaça à leitura, mas como uma oportunidade de repensar as práticas pedagógicas. O desafio da escola está em adaptar-se a esse novo cenário, integrando as tecnologias como aliadas no processo de ensino da leitura.

Segundo Varela, Barbosa e Farias (2017), a internet trouxe uma nova forma de conceber a leitura. Ao contrário do que se imaginava inicialmente — que o acesso à rede reduziria a prática leitora —, o ambiente digital exige ainda mais leitura, especialmente quando se trata de realizar pesquisas sérias, que demandam seleção e avaliação criteriosa de conteúdos. Os autores observam também que, para as novas gerações, a leitura na web se torna mais atrativa por ser fragmentada, dinâmica e adaptada ao ritmo acelerado da vida contemporânea, o que contrasta com a linearidade dos textos tradicionais.

A citação de Varela, Barbosa e Farias (2017) se conecta diretamente com a proposta de incentivar a leitura literária em múltiplos suportes e formatos mais próximos da realidade dos estudantes. Ao apontarem que a leitura digital exige não apenas mais leitura, mas também habilidades de seleção e interpretação, os autores reforçam a importância de diversificar as práticas pedagógicas para acompanhar as transformações nos modos de ler e de se relacionar com o texto.

Nesse sentido, estratégias como leitura colaborativa, rodas de conversa e produção de resenhas em vídeo ou podcasts não apenas tornam o processo mais interativo, mas também valorizam os gêneros digitais e as linguagens midiáticas que os alunos já utilizam no dia a dia. Essas práticas favorecem a construção da competência leitora de forma mais engajada e significativa, especialmente para aqueles que apresentam dificuldades nesse campo. Quando o texto literário é apresentado em suportes variados e em contextos que fazem sentido para o estudante, ele deixa de ser uma obrigação escolar e passa a ser uma experiência prazerosa, crítica e formativa.

Diante das dificuldades enfrentadas pelos estudantes no processo de leitura, é fundamental que a escola se posicione como um espaço ativo na superação desses desafios. O desenvolvimento da competência leitora não deve ser visto como responsabilidade exclusiva do professor de Língua Portuguesa, mas como uma tarefa coletiva que envolve toda a comunidade escolar. Nesse contexto, surgem tanto obstáculos quanto possibilidades, especialmente quando se considera a inserção de tecnologias, a realização de projetos de leitura interativos e a atuação do professor como mediador.

Masetto (2000) comenta sobre a importância da mediação pedagógica, tanto na educação tradicional quanto no contexto das "Novas Tecnologias", destacando um desafio central para os docentes na atualidade. Ser um mediador eficiente exige mais do que apenas transmitir conhecimento; é necessário apoiar os alunos na construção do saber, ajudando-os a selecionar, interpretar e aplicar informações de maneira crítica, especialmente no contexto digital, onde o excesso de informações pode ser um obstáculo.

Esse papel de mediador se torna ainda mais complexo quando consideramos as diversas realidades e dificuldades dos alunos, como o déficit de competência leitora, a falta de familiaridade com novas tecnologias ou as diferentes formas de aprendizagem. O professor precisa não apenas dominar o conteúdo, mas também as ferramentas tecnológicas, adaptar-se às necessidades de cada aluno e estar constantemente em busca de novas estratégias pedagógicas que tornem o aprendizado mais acessível e significativo.

Além disso, a pressão para se atualizar constantemente em relação às novas tecnologias e metodologias de ensino pode sobrecarregar o professor, especialmente quando ele não recebe o suporte necessário em termos de formação contínua ou de infraestrutura. Portanto, embora a mediação pedagógica seja fundamental para o sucesso da aprendizagem na era digital, ela representa um grande desafio, exigindo que o professor equilibre a tradição com a inovação, a teoria com a prática, e que, ao mesmo tempo, enfrente as limitações e desafios do contexto educacional atual.

Soares (2002) argumenta que o confronto entre culturas de oralidade primária e culturas letradas possibilitou uma compreensão mais ampla de ambas. Da mesma forma, ela propõe que a análise do desenvolvimento das práticas digitais de leitura e escrita na cibercultura, em contraposição às práticas tradicionais baseadas no papel, pode revelar não apenas transformações em curso, mas também resgatar o sentido de um letramento já consolidado.

Essa perspectiva evidencia a importância de renovar as práticas de leitura nas escolas, reconhecendo que estamos diante de um novo letramento que ainda está sendo internalizado pelas novas gerações. Isso exige que o trabalho pedagógico se atualize, incorporando múltiplos suportes, linguagens e modos de leitura e escrita que dialoguem com o cotidiano digital dos estudantes,

ampliando assim a noção de letramento para além do texto impresso e promovendo uma educação mais conectada com as práticas sociais contemporâneas.

Dessa forma, um dos principais desafios é romper com práticas pedagógicas tradicionais, centradas na reprodução de conteúdos e na leitura mecânica, desprovida de sentido e de diálogo com o mundo do aluno. Muitos educadores ainda enfrentam limitações no uso das tecnologias digitais, seja por falta de formação específica, infraestrutura inadequada ou por receio de abandonar métodos consolidados. No entanto, essas barreiras podem ser superadas por meio de iniciativas de formação continuada e da criação de ambientes escolares colaborativos, onde o compartilhamento de experiências e recursos seja valorizado.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) enfatiza a importância de uma educação voltada para a formação integral dos estudantes, atribuindo ao professor o papel de facilitador no processo de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, a mediação da leitura exige mais do que a simples transmissão de conteúdos: requer do docente a criação de estratégias que favoreçam a interpretação, o pensamento crítico e a produção textual em múltiplos contextos, inclusive no ambiente digital (BRASIL, 2018).

Essa concepção se alinha à ideia de que o uso pedagógico das tecnologias pode ser um recurso valioso no incentivo à leitura. Plataformas digitais, livros interativos, podcasts, vídeos e aplicativos educativos tornam o contato com o texto mais dinâmico e acessível, ampliando as formas de letramento para além do impresso. Além disso, tais recursos possibilitam um ensino mais personalizado, respeitando o ritmo e os interesses dos alunos. Trabalhar com gêneros multimodais contribui significativamente para o desenvolvimento do letramento digital e crítico, ao passo que projetos interativos, como rodas de leitura, clubes do livro e desafios colaborativos, fortalecem o vínculo dos estudantes com os textos, promovendo uma experiência leitora mais significativa, ativa e conectada com suas realidades. Isso reforça o desafio e, ao mesmo tempo, a necessidade de o professor renovar suas práticas de leitura e mediação, assumindo uma postura inovadora frente às exigências da cultura digital.

Nesse cenário, o professor exerce um papel fundamental como mediador da leitura. Ele é o elo entre o texto e o leitor, responsável por criar situações significativas de aprendizagem, orientar a interpretação, despertar a curiosidade e oferecer suporte diante das dificuldades. Mais do que ensinar técnicas, o educador precisa inspirar, provocar reflexões e construir, junto aos alunos, uma relação mais afetiva e crítica com a leitura.

Portanto, embora os desafios para o desenvolvimento da competência leitora sejam muitos, as possibilidades são igualmente vastas. Com planejamento, formação adequada e práticas pedagógicas inovadoras, é possível transformar a leitura em uma experiência enriquecedora, capaz de ampliar

horizontes, desenvolver o pensamento crítico e contribuir de forma decisiva para a formação integral dos estudantes.

#### **4 RESULTADO E DISCUSSÃO**

Os estudos consultados apontam para uma profunda transformação no comportamento leitor das novas gerações. Autores como Soares (2002) e Varela, Barbosa e Farias (2017) destacam que, ao contrário do que se pensava, o advento da internet não diminuiu a leitura, mas alterou suas formas. A leitura na rede exige habilidades específicas, como a seleção rápida de informações, leitura não-linear, interpretação de imagens e textos multimodais. O leitor digital é multitarefa e interativo, porém nem sempre profundo. Esse novo perfil demanda da escola uma revisão urgente de suas práticas, visto que os estudantes já não se interessam por leituras extensas e lineares, como as tradicionais propostas em sala de aula.

Marcushi (2010) enfatiza que os gêneros digitais ainda estão em formação, mas já impactam profundamente a linguagem, exigindo novas competências linguísticas e cognitivas. Dessa forma, é preciso que a escola compreenda e valorize os modos de leitura emergentes, promovendo práticas que dialoguem com o cotidiano e os interesses dos alunos.

Apesar das mudanças no perfil do leitor, a escola ainda enfrenta sérios desafios para desenvolver a competência leitora. Conforme Ceccantini (2016), há um abismo entre a forma como a escola tradicionalmente ensina leitura e as necessidades reais dos jovens leitores. Os dados mostram que muitos professores continuam presos a práticas centradas na decodificação, sem explorar estratégias de compreensão profunda, interpretação crítica ou articulação com diferentes suportes textuais.

Além disso, como aponta Kleiman (2014), muitos estudantes não conseguem se tornar leitores autorregulados e estratégicos, o que indica falhas nas propostas pedagógicas. A falta de articulação entre leitura e os contextos de vida dos alunos reforça o desinteresse e compromete a aprendizagem. A escola muitas vezes desconsidera os repertórios culturais dos alunos, não oferecendo espaços significativos para o exercício da leitura crítica, colaborativa e criativa.

Apesar dos desafios, a pesquisa bibliográfica também aponta caminhos possíveis. A BNCC (2018) e autores como Masetto (2000) destacam que o professor precisa atuar como mediador do conhecimento, promovendo a leitura crítica e significativa. Isso envolve desenvolver estratégias que considerem os gêneros digitais, os suportes multimodais e o uso das tecnologias como aliadas. Trabalhar com podcasts, vídeos, aplicativos, clubes de leitura virtuais e rodas de conversa pode aproximar o estudante do texto e torná-lo mais engajado.

A mediação docente, nesse contexto, torna-se mais complexa. O professor precisa conciliar práticas tradicionais com novas linguagens, exigindo atualização constante. Segundo Soares (2002), a análise da transição entre culturas letradas e a cibercultura ajuda a entender o novo letramento em formação — um letramento que exige não apenas o domínio da leitura, mas também da navegação, seleção e interpretação crítica em ambientes digitais.

Portanto, as possibilidades para o desenvolvimento da competência leitora passam pela renovação metodológica e pelo reconhecimento da pluralidade cultural e tecnológica dos alunos. A leitura precisa ser entendida como uma prática social em constante transformação, e o papel do professor é fundamental nesse processo de adaptação.

## 5 CONCLUSÃO

A leitura, enquanto prática social e instrumento de construção de conhecimento, continua sendo um dos maiores desafios da educação contemporânea. Com a ascensão do ambiente digital, os modos de ler e interagir com os textos se transformaram profundamente, exigindo do leitor novas competências cognitivas e interpretativas. Nesse cenário, a competência leitora assume um papel ainda mais complexo, envolvendo não apenas a capacidade de decodificar palavras, mas principalmente de compreender, criticar e aplicar as informações adquiridas em contextos diversos.

A escola, diante dessas transformações, precisa repensar suas metodologias e práticas pedagógicas. A simples introdução das tecnologias digitais não garante o desenvolvimento da competência leitora; é necessário que elas sejam integradas de forma crítica e intencional, promovendo experiências significativas de leitura. O papel do professor, como mediador e facilitador do processo, torna-se ainda mais relevante.

Portanto, o desenvolvimento da competência leitora na era digital demanda uma ação pedagógica consciente, atualizada e comprometida com a formação de sujeitos críticos, capazes de interagir com o mundo de maneira reflexiva e transformadora. Esse é um desafio que exige esforço conjunto entre escola, professores, alunos e comunidade, para que a leitura continue sendo um instrumento de emancipação e cidadania.

## REFERÊNCIAS

- CECCANTINI, J. Mentira que parece verdade: os jovens não leem e não gostam de ler. In: FAILLA, Z. (org.). *Retratos da leitura no Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2016. p. 83-98.
- CHARTIER, R. A aventura do livro: do leitor ao navegador. São Paulo: Unesp; Imprensa Oficial do Estado, 1999.
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (orgs.). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.
- KLEIMAN, Â. B. Compreensão leitora. In: FRADE, I. C. A. S.; COSTA VAL, M. G.; BREGUNCI, M. G. C. (orgs.). *Glossário CEALE: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores*. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2014. p. 61-62.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. *Fundamentos de metodologia científica*. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2019.
- MARCUSCHI, L. A. O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula. *Revista Linguagem & Ensino*, v. 4, n. 1, 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/15529>. Acesso em: 14 abr. 2025.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- MASETTO, M. T. Mediação pedagógica e o uso da tecnologia. In: *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. São Paulo: Papirus, 2000.
- ROJO, R.; MOURA, E. *Letramentos, mídias, linguagens*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019.
- SANTAELLA, L. Desafios da ubiquidade para a educação. *Revista Ensino Superior*, 2013. Disponível em: [inserir URL válida, se disponível]. Acesso em: 12 abr. 2025.
- SOARES, M. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. *Educação & Sociedade*, v. 23, n. 81, p. 143-160, 2002. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302002008100008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302002008100008&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 13 abr. 2025.
- VARELA, A. V.; BARBOSA, M. L. A.; FARIAS, M. G. G. Humanismo e tecnologia na perspectiva da competência informacional e midiática. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, v. 13, n. Especial, p. 280-300, 2017.
- XAVIER, A. C. Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.